universal da norma). Mas não é só a moral. «O homem é ao mais alto nível o ser-que-transmite». Ao humano do homem pertence ser transmissor de cultura e, mais ainda, de civilização que é «arte de viver». Este valor foi desprezado pela modernidade tardia (Iluminismo e sequazes). Resultado? A cultura degenerou em barbárie (cap. IV – A transmissão). A relação, que supõe distinção e separação, é outro distintivo do humano. A verdadeira relação cultiva o dom, que algumas sociedades contemporâneas substituíram pelo «devido». Com isso, instauraram o individualismo que destrói a «relação civil, ou decência comum, a única que torna uma sociedade frequentável» (cap. V – A relação e a distância). Próprio do homem é, finalmente, o paradoxo de se querer arrancado à sua condição humana (por isso vivendo sempre «*ailleurs*») e carecer sempre de enraizamento. A resolução do paradoxo está em que a vontade de emancipação não é mais que a vontade de um enraizamento mais adaptado, mais livre e mais justo (cap. VI – O enraizamento e a emancipação).

Escrito com grande beleza literária, este ensaio de antropologia de Chantal Delsol está longe de ser um qualquer poema lírico à humanidade do homem. Ele assenta abundantemente na realidade observada na experiência da história, seja em geral seja em casos particulares, seja em suas manifestações positivas seja em suas errâncias ou desvios. Tem uma ampla base fenomenológica, sobre a qual a autora exerce com grande vigor e fina observação, o seu trabalho de interpretação e de reflexão, desvelando sentido e ajuizando criticamente o factual observado. Um livro que se recomenda especialmente a docentes e alunos de antropologia, seja filosófica, seja teológica seja simplesmente cultural.

Jorge Coutinho

Gonzalo Sanz, Luís María, **Entre libertad y determinismo. Genes, cerebro y ambiente en la condición humana**, col. «Ciencia y fe», Ediciones Cristiandad (www.edicionescristiandad.es), Madrid, 2007, 232 p., 175 x 105, ISBN 978-84-7057-519-8.

No presente Ensaio, o autor, especialista em Anatomia e Embriologia, expõe, numa linguagem muito acessível, os vários dados científicos (desde a Física à Biologia até às designadas Neurociências) que têm servido como novos argumentos em favor duma concepção reducionista-materialista do homem e como prova de que a liberdade humana é mera ilusão nossa! Toda a nossa conduta será determinada por causas físicas ou enquadrada num indeterminismo quântico?

O conhecimento dos centros nervosos e das áreas cerebrais que são activadas quando realizamos tarefas sensoriais e mentais; os efeitos no psiquismo resultantes de lesões e alterações cerebrais; os factores somáticos que influem na liberdade humana, etc.; os fenómenos da violência humana (genes e violência, cérebro e violência, o altruísmo, o sentido moral e a maturidade moral, a toxicodependência, a homossexualidade, etc., tudo isso constitui um desafio para as opções entre materialismo e espiritualismo.

Se para os neurocientistas e biologistas e sociólogos materialistas, os factores genéticos, cerebrais e ambientais podem influenciar o nosso agir e, por isso, condicionar o livre arbítrio, o autor desta obra aceita que a relação entre pensamento-cérebro é evidente, mas demonstra também que «o pensamento é metaneuronal».

A. Sepúlveda